

Sunamita Gomes da Soledade

Graduada em psicologia pela Universidade Veiga de Almeida – UVA
Cabo Frio/RJ

Lígia Cláudia Gomes de Souza

Doutora em psicologia e Docente com ênfase em sup. de estágio em
psicologia comunitária na Universidade Veiga de Almeida – UVA
Cabo Frio/RJ

RESUMO

Tendo em vista que a morte pode ser considerada uma das fases do desenvolvimento humano, ainda permanece um tabu. No atual momento, em que enfrenta-se uma pandemia devastadora, tem se desencadeado um luto em massa, intensificando o medo dos indivíduos sobre este tema. A busca pelo controle de vida e morte que perpassa a sociedade, desde a antiguidade e o medo da morte que se instaurou no homem a partir das rupturas sócio históricas, tornaram este medo uma representação social da morte. O presente estudo tem como objetivo compreender as representações sociais da morte e o processo de enfrentamento do luto. Para tanto, buscou-se identificar as representações sociais da morte na sociedade contemporânea, expor a morte e sua historicidade e elucidar o processo de elaboração do luto. Além, de trazer formas de suporte psicológico no enfrentamento do luto. O estudo foi realizado sobre a ótica da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, enquanto os aspectos da morte e do morrer foram articuladas entre os autores J. William Worden, Maria Júlia Kovács. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma metodologia baseada em um estudo bibliográfico através de livros, artigos científicos e documentos monográficos. A revisão da literatura apontou que as representações sociais da morte na sociedade contemporânea se constroem através dos eventos biológicos e psicossociais, e que, os fatores que interferem na construção destas representações é o cultural, especialmente, a religião, no qual forma-se as rupturas sociais. Além disso, o processo de luto ocorre em diferentes vieses (luto normal e luto patológico) e é de suma importância o psicólogo caracterizar o luto, compreender os fatores históricos pessoais para que se possa dar o suporte necessário no enfrentamento do luto.

Palavras-chave: morte; morrer; representações sociais; luto.

INTRODUÇÃO

A abordagem de temas como morte e luto é algo complexo, pois refere-se a finitude do ser. Apesar da sensibilidade, discorrer sobre esse tema têm sido objeto de diversos estudos e avanços nessa área, denominada tanatologia que, de forma simplificada, é basicamente o estudo sobre a morte e o morrer, visando os aspectos psicossociais ligados a estas questões.

A história é marcada por gradativas mudanças no comportamento social, estabelecendo assim diversas rupturas sociais acerca da morte, do morrer e do processo de luto vivenciado em diferentes culturas. Os países orientais e ocidentais têm visões diferentes acerca desta temática e, conseqüentemente, os comportamentos sociais se diferem.

Deste modo tal trabalho de pesquisa, intitulado “O Peso do luto: um estudo sobre as representações da morte e o processo do luto na sociedade contemporânea”, é um estudo sobre as representações da morte e o processo de enfrentamento do luto na sociedade contemporânea a partir da teoria das representações sociais.

Ao iniciar a pesquisa diversas questões foram expostas, como o medo da morte, a busca pelo controle da vida e da morte, a ruptura social acerca da morte e do morrer, a representação da morte em diferentes culturas, as influências religiosas para o enfrentamento do luto, dentre outras. Portanto, observa-se, que abordar esta temática não é algo muito fácil devido ao medo que envolve os indivíduos. Os avanços da medicina e métodos para o prolongamento da vida, evidenciam a dificuldade social de entendimento e aceitação do processo da morte.

Existe ainda o conceito de dignidade que envolve o processo de falecimento. Esta vertente era algo presente no tema, mas ganhou força a partir do aumento das violências sociais como guerras internacionais e as guerrilhas urbanas. A exposição midiática envolvendo os diferentes tipos de morte, apesar de ser recente, também é um fator importante para o conceito de dignidade a respeito da morte.

Esta pesquisa visa investigar o fenômeno das diferentes representações sociais a respeito da morte e o enfrentamento do luto a partir delas, passando por seu contexto histórico e sua ruptura social até a contemporaneidade. E traz como questão norteadora: Quais são as representações sociais acerca da morte e do morrer?

O Objetivo geral do tema proposto é fazer uma revisão de estudos sobre as representações sociais da morte e a partir disto, trazer uma reflexão acerca da mesma e suas rupturas sociais desde a antiguidade até a contemporaneidade. Dentre os objetivos específicos busca-se: identificar as representações da morte na sociedade contemporânea, compreender a morte e sua historicidade e elucidar o processo de elaboração do luto, além de pontuar formas de suporte psicológico no enfrentamento do luto.

Ao passar pela perda de alguns entes queridos, a autora desta pesquisa passou a observar os diferentes comportamentos dos indivíduos enlutados, despertando, de maneira sutil, um interesse acerca da temática.

Porém, ao passar pela perda de seu pai, foi atravessada de maneira mais intensa e passou a observar, com profundo interesse, os diferentes comportamentos subjetivos e sociais acerca do tema.

Atualmente é vivido um tempo de liquidez, quando as relações interpessoais se encontram esvaziadas, distantes e cada vez mais virtuais. Como se os indivíduos fossem separados por abismos, ainda que estejam muito próximos. Entretanto, apesar das pessoas viverem cada vez mais isoladas em “seu próprio mundo” a ideia de uma definitiva ausência, gerada pela morte, assusta. Diante disso se faz necessário discutir relações em vida afim de gerar um processo de humanização acerca da morte e do morrer.

A proposta metodológica aqui exposta é uma pesquisa bibliográfica em que desenvolve e articula as teorias de autores como: Serge Moscovici, J. William Worden, Maria Júlia Kovács, acerca da sociedade contemporânea e as representações sociais da morte desde seu contexto histórico, até a atualidade e o processo de enfrentamento do luto.

O referido trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta aspectos da sociedade contemporânea pela visão de Foucault e Han e, algumas reflexões sobre as representações sociais da morte através de Serge Moscovici; já o segundo capítulo traz a história da morte, seus diferentes contextos baseado na religiosidade e as rupturas sociais acerca da morte e do morrer; e no terceiro capítulo será pontuado o processo de enfrentamento do luto, seus significados e de que forma a psicologia pode dar o suporte adequado no processo de enfrentamento do luto.

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE

No percurso existencial em que se remete o jogo vida e morte, esta última é um empecilho dos humanos vivos, pois, embora compactuem do mesmo ciclo, o nascimento, o crescimento, a reprodução e o morrer com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os outros seres vivos, sabem que irão morrer. Diante disso, a morte e o morrer se ressignifica a depender do contexto social, conforme será mostrado a seguir, através do entendimento sobre a sociedade atual e suas formas de lidar com o fim da vida.

Conforme disserta Machado; Menezes (2018), a sociedade é uma combinação de indivíduos que coparticipam de um conjunto de normas e regras de conduta, valores culturais e de um sistema jurídico, vertentes essas que permitem que esses indivíduos se sintam pertencentes ao todo, sendo este “um resultado histórico das relações dos indivíduos.” O autor ainda comenta que o compartilhamento desses princípios, forma a identidade cultural e o organismo social. Isto é, a sociedade é como uma rede relacional, em um território definido, onde os indivíduos que a formam compartilham de um mesmo conjunto de regras e normas sociais, que fazem com que estes tenham o sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

A partir deste conceito de sociedade compreende-se que, ao longo dos séculos, surgiram diversas teorias a fim de explicar a sociedade e suas características, como Foucault (1999) que nos traz, a sociedade disciplinar como um conjunto de padrões estabelecidos em que os indivíduos devem se encaixar, através das normas sociais, no qual predominava a dominação do outro, um modelo introjetado a partir de diferentes instituições como: escolas, ambientes militares, hospitais, e até mesmo no núcleo familiar.

Dessa forma, era obtido o domínio do tempo, espaço e movimentos do sujeito como formas de disciplina e punição através da exclusão. Contudo, a ideia de poder não permanecia centralizada em uma instituição em si, mas funcionava como uma rede institucional dentro das micro relações, expandia-se de maneira macro a partir do adestramento do corpo e do comportamento dos indivíduos e dentro da ideia de que cada um é vigia de si e do outro. Mesmo em suas práticas individualistas, a própria sociedade disciplina o outro a partir de uma autovigilância.

Ainda segundo o autor, a sociedade disciplinar segue um modelo panóptico, ou seja, uma prisão circular que não precisa de grades pois, como citado anteriormente, um indivíduo se torna vigia do outro. Tal conceito dá ao homem uma sensação de liberdade, ilusória, pois a prisão deste se dá para além das grades, o policiamento que acontece de uns para com os outros, controla e aprisiona.

Tal modelo disciplinar gera nos indivíduos o senso de moralidade, preconceitos, julgamentos e tabus. Ou seja, ocorre um sistema interno de controle que disciplina e gera um aprisionamento para além da percepção, onde não há liberdade nem mesmo sobre o próprio corpo.

O foco de Foucault é que o desenvolvimento das tecnologias do poder, na idade moderna, levou a um grau de intervenção ímpar sobre o ser humano: o poder se exerce sobre cada indivíduo, do mesmo modo que é exercido sobre as massas e converte-se num controle que nas fábricas, impondo a todos e a cada um de nós uma individualidade, uma identidade. Foucault sustenta que a individualidade está sendo crescentemente controlada pelo poder, que somos individualizados, no fundo, pelo próprio poder (BRANCO, 2007, p. 10).

Na sociedade atual, pode se observar este comportamento de vigiar e punir para disciplinar a partir do uso das redes sociais, onde o sujeito diante de uma necessidade de aprovação do outro se expõe e este outro, ao se colocar na posição de vigia e através do senso de moralidade, decide aprovar ou não o comportamento do sujeito exposto. Sendo a cultura do cancelamento¹¹ uma maneira de disciplinar o indivíduo que tem seu

¹¹ No mundo da internet, principalmente na plataforma das redes sociais, é fácil termos que determinada pessoa foi cancelada. O nome se originou em casos que artistas ou pessoas comuns que por descuido ou por se manifestarem mal acabaram sofrendo ataques na web, trazendo complicações para a vida pessoal e digital. Não se sabe ao certo a origem da cultura do cancelamento, mas sabe-se que o movimento tomou força a partir de 2017[...] (CHIARI *et. al.*, 2020)

comportamento desaprovado, este é julgado e sua penalidade é ser esquecido, após sofrer diversos ataques virtuais, esquecimento este que pode ter como consequência a morte virtual, midiática e/ou social do homem.

Han (2015), defende que a sociedade disciplinar não é mais a sociedade de hoje, que perdeu seu lugar para a sociedade do desempenho. O sujeito deixou o lugar daquele que apenas obedece, para ser aquele que desenvolve, produz. Deixa de ser explorado e passa a ser dono de si, não sendo submisso a mais ninguém além de si próprio. Porém, se autorregula, auto explora, auto escraviza mesmo caminhando de mãos dadas com a liberdade. Nesse modelo o explorador é quem se explora, agressor e vítima são um só.

Para exemplificar como funciona o modelo de sociedade citada por Han, será abordado a disseminação viral do COVID – 19, vírus este, que pouco se sabe a respeito. De acordo com a organização mundial de saúde (2020), o número de mortos pelo COVID–19, a nível mundial passa de 1,3 milhões, sendo mais de 164 mil só no Brasil.

Segundo o ministério da saúde (2020), os Coronavírus são uma família de vírus que eram facilmente encontradas em diferentes espécies de animais como gatos, camelos e morcegos, mas não era comum a infecção de pessoas. Em dezembro de 2019, na China, ocorreu o contágio do vírus (SARS-Cov-2) em um humano, marcando o desenvolvimento do COVID-19 e sua disseminação e transmissão de pessoa para pessoa.

Ainda segundo o autor, o COVID-19 apresenta um leque clínico variado, ocorrendo infecções assintomáticas, que não apresenta sintomas, a quadros clínicos graves. A organização de saúde explica que cerca de 80% dos infectados podem ser assintomáticos ou oligo sintomáticos, que apresentam poucos sintomas, e os outros 20% necessitam de atendimento hospitalar e desses, 5% podem precisar de apoio ventilatório.

Vale ressaltar que a última pandemia vivenciada foi a H1N1, e ocorreu entre os anos de 2009 e 2010 e, segundo a CNN Brasil (2020):

A pandemia foi altamente infecciosa: uma em cada cinco pessoas em todo o mundo pegou a doença. No entanto, a taxa de mortalidade foi de 0,02% — menor do que a de uma gripe sazonal. A doença tinha os mesmos sintomas que a gripe comum, mas podia evoluir para uma pneumonia e agravar condições crônicas pré-existentes (CNN Brasil, 2020).

Nota-se, portanto, que qualquer pandemia que se instale no mundo acarreta o medo do que é novo e incerto, e esse medo também se vincula a morte (com níveis tão extensos em um curto espaço de tempo). O que evoca de maneira mais intensa a reorganização do sistema social, no qual os indivíduos se sujeitam aos “sistemas de poder” para sobreviverem a qualquer custo.

Diante disso, faz-se necessário fazer um breve retorno ao conceito de sociedade contemporânea, pois Han (2020) relata, em seu recente artigo, que a sociedade disciplinar, conceituada por Foucault (1999), pode, a partir desta pandemia, estar retornando. Segundo o autor, tal fato se dá porque: “Regimes autoritários ensinam as pessoas a serem sujeitos disciplinados e obedientes”.

Inicialmente com a ordem de que se permaneça em casa, para evitar o contágio em massa e conseqüentemente o colapso dos sistemas de saúde, o indivíduo retoma a função de vigia do outro. O corpo do outro volta a ser vigiado e mobilizado a tornar-se dócil, se necessário através da punição. Posteriormente, com a flexibilização do distanciamento social, pode-se observar um conflito dos dois modelos sociais. Agora parte dos indivíduos vigia e busca regular os demais enquanto outra parte, decidida a não ser um corpo dócil, busca sua autorregulação sendo dono de si e de suas escolhas, não importando para ele o corpo social, mas sim, suas necessidades individuais.

Apesar de, as diferentes religiões e a filosofia procurarem dialogar acerca da origem da vida e da finitude do homem, a sociedade do desempenho trouxe consigo doenças que matam o indivíduo não apenas de maneira terrena, mas socialmente.

A partir disto, compreende-se que o insucesso que é a morte, seja ela biológica ou social, traz consigo o medo, pois o indivíduo passa a pensar na extinção do outro e em sua própria. O que não é visto com bons olhos pela sociedade, já que se vive em tempos de desenvolvimento, alto rendimento, superproduções. Se alguém não produz, este deve procurar meios para voltar a produzir, meios que não envolvam a morte, pois na atualidade é proibido falhar. Na sociedade do desempenho os indivíduos passam a aceitar a ideia de que se morra, desde que apenas os “maus” devam morrer. Enquanto os “bons” podem permanecer em uma constante busca pela imortalidade, e vale lembrar que essa busca pela imortalidade vem acompanhada da busca pela eterna juventude.

Cabe aqui ressaltar, que de acordo com Kovács (1992) ninguém quer viver eternamente em um corpo velho. De fato, os indivíduos querem usufruir da imortalidade, mas em corpos jovens e saudáveis, a fim de poder ter melhor aproveitamento da vida.

Com o passar do tempo, dentre essas ressignificações sobre a morte e o morrer nos contextos sociais, observa-se uma “quebra” de parâmetros, que antes eram existentes na sociedade, acerca da morte.

A sociedade contemporânea traz consigo o medo da morte, que se divide no medo da morte do outro, que gera o medo do abandono, e o medo da própria morte, trazendo consigo a ideia da própria finitude e ao olhar para si, correlaciona-se com a finitude do outro. Fato este que se torna mais visível a partir da vivência desta nova pandemia.

Apesar de haver uma fuga do sujeito em relação aos conceitos de morte, esta é inerente ao trajeto de todos, e é este sujeito que compõe a sociedade contemporânea. Sociedade esta, que rege as representações

sociais atuais da morte.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE: CONCEITOS E REFLEXÕES

Entender as representações sociais da morte nos seus diferentes significados sociais, culturais e religiosos – é imprescindível para reconhecer a vida como uma dádiva, uma oportunidade única e assim estabelecer caminhos para uma vida saudável e plena, além de nos fazer refletir sobre “Por que se vive?”. A eminência da morte traz, de forma intrínseca, no indivíduo, a autopreservação e a preservação da sua espécie quando estabelece formas de ajuda àquele que está prestes a partir.

Moscovici (2004), traz em sua teoria das representações sociais (TRS) uma crítica aos pressupostos teóricos da época. Para ele, estes pressupostos não explicavam a realidade, principalmente em uma dimensão histórico-crítica. Diante disso o autor propõe que se considere como um fenômeno o que antes era um conceito.

O autor declara que a realidade das representações é de fácil compreensão, ao contrário de seu conceito, este não é. Ele diz ainda que existem razões pelas quais isso se dá, mas que por ser uma questão histórica, torna-se alçada dos historiadores e função deles descobri-las.

Um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. Sendo então, o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

A TRS busca compreender como a realidade sócio-histórica tem influência sobre o indivíduo e explicar os fenômenos do homem sobre uma interpretação coletiva, senso comum. Dessa maneira, pode-se sintetizar as representações sociais como um agrupamento de saberes, concepções e imagens que nos possibilitam evocar um fato, pessoa ou objeto determinado, ocasionando em uma interação social que se dá pelo que há em comum a um grupo de indivíduos específico.

Para Moscovici (1989, p. 305), as RS, “sendo produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, são necessariamente estruturas dinâmicas. É esta característica de flexibilidade e permeabilidade que as distingue.”

Ainda a respeito deste autor, pode-se expor que ele utilizou a psicanálise como fonte de pesquisa para ilustrar suas ideias a respeito das representações sociais, realizando um resgate do conceito de representações coletivas defendido por Durkheim, como base para seu estudo, mas se opondo a ela. Tal pesquisa consistiu em analisar o conhecimento científico sobre a psicanálise, e como este conhecimento alcançava a população parisiense, que por sua vez se tornava um senso

comum.

Para tornar o conhecimento a respeito das RS mais tangível, Moscovici (2004) explica em sua obra que no processo de objetificação, a representação é igual a imagem (significação), ou seja, ela assimila, mutuamente, toda imagem a uma ideia. Isso se dá, pois, as representações precisam ser visualizadas como uma forma singular de entender e expor aquilo que nós já sabemos. Dessa forma ela funciona como uma realidade compartilhada, onde um conteúdo específico é capaz de elucidar instintivamente uma ideia proposta e exposta por um senso comum.

Utiliza-se como exemplo para ilustrar este pensamento, o símbolo da morte. Representado por um ser trajado com um manto negro, com capuz, que tem seu rosto ocultado ou, em algumas variações, a face de uma caveira, onde ela segura uma foice. Ao visualizar a imagem, o imaginário do indivíduo evoca, todos os conceitos do senso comum, referentes a temática, como por exemplo, a ideia de morte do eu e do outro.

O autor também elucida a ideia de que as representações, manifestas pelo conceito de ancoragem, se propõe a tornar familiar, o que não é familiar (conhecido). E o que caracteriza esta não-familiaridade é o que o autor chama de “exatidão relativa” de um objeto, ou seja, é uma “presença real de algo ausente [...], ser semelhante, embora sendo, diferente, ser acessível, e, no entanto, ser inacessível” (MOSCOVICI, 2004, p. 56). É um dualismo que apesar de atrair o indivíduo e o grupo, traz incômodo e atemoriza.

Segundo Spink (1993), a ancoragem diz respeito a introdução orgânica em um pensamento já elaborado, ou seja, aloca-se o desconhecido em representações já existentes, as modificando em um conhecimento capaz de exercer influência sobre outros da camada social em que foi inserida.

A autora relata que o processo de ancoragem se resulta em três etapas: descontextualização da informação a partir de princípios culturais e normativos; formação de núcleo simbólico, estrutura que reproduz figurativamente uma estrutura conceitual; naturalização, conversão das imagens em elementos reais.

Uma vez compreendido o conceito da teoria das representações sociais e como esta age como ligação entre o conhecimento científico e o popular, pode se partilhar a respeito das representações sociais da morte.

Kovács (1992), disserta a respeito de algumas representações sociais acerca da morte. Desta maneira a autora relata sobre morte natural e a morte clínica, onde a morte natural não acontece por doença fatal ou acidentes, mas advém da velhice. Ea morte clínica é um estado onde todos os sinais de vida (consciência, reflexos, respiração, atividade cardíaca) estão suspensos, embora uma parte dos processos metabólicos continue a funcionar.

A morte clínica se tornou um conceito, pois atualmente todas essas funções vitais podem ser substituídas por máquinas, prologando a vida indefinidamente, já a morte total ocorre quando se inicia a destruição das células de órgãos altamente especializados, como o cérebro, os olhos,

passando depois para outros órgãos menos especializados. A autora destaca ainda, que além da morte biológica, vivenciamos também a morte social, onde ambas encontram-se atadas.

Segundo Kovács (1992), tanto a filosofia quanto a religião buscam, constantemente, explicações sobre a origem e o destino do homem e que cada um carrega adentro de si uma morte. Sendo a representação da morte, de acordo com a autora; algo subjetivo, cada pessoa tende a ter sua própria representação da morte a partir de suas crenças, valores e vivências.

Apesar desta visão de representação de morte subjetiva, ao longo do tempo e das rupturas sociais acerca da morte e da sociedade, pode-se observar que o medo envolve o sujeito sobre esta temática é mais uma representação da morte na sociedade.

Muniz (2006, p.167), diz em sua obra que: “A reflexão sobre a morte é também sobre a vida. Não é possível se analisar o sentido da vida sem se deparar com o problema do sentido da morte[...], morte e vida coexistem em seu mundo.” Ao destacar as representações da morte para os indivíduos da sociedade contemporânea, também se faz necessário recordar que o conceito de vida está interligado ao conceito de morte, mesmo que de forma inconsciente.

“O medo do que é estranho (ou dos estranhos) é profundamente arraigado” (MOSCOVICI, 2004, p. 56). A novidade, por si só, desperta no ser humano alguns medos, talvez por não saber o que o novo irá apresentar até experimentá-lo. Mas quem há de querer experimentar a morte, a fim de descobrir se de fato ela é apenas um instante de passagem, sabendo que esta, ainda, é uma das maiores incertezas que o ser humano nutre, apesar das crenças religiosas e dos investimentos científicos para decifrá-la? Kovács (1992), destaca três conceitos acerca do medo do sujeito da contemporaneidade, sendo eles: O medo de morrer, que por se tratar da própria finitude, gera o medo do sofrimento e da indignidade pessoal; O medo do que vem após a morte consiste no sentido religioso, podendo a morte ser um castigo divino, uma rejeição; O medo da extinção, que traz a incerteza do que acontece após a morte e o medo básico de sua própria extinção.

Miguel (2015), discorre que os seres humanos possuem emoções básicas que são inatas, ou seja, fazem parte do indivíduo desde o seu nascimento e ocorrem independentemente do desejo do indivíduo senti-la ou não, e o medo é uma delas. O medo da morte se apresenta como um mecanismo de defesa, mas acaba produzindo uma morte social. O corpo ainda está ali, mas é visto como um pote vazio, o indivíduo é afastado não só do outro, mas de si próprio no fim da vida.

O medo da morte tem um lado vital, que nos protege, permite que continuemos nossas obras, nos salva de riscos destrutivos e autodestrutivos. Esse mesmo medo pode ser mortal, na medida em que se torna tão potente e restritivo que, simplesmente, a pessoa deixa de viver para não morrer, mas, se observarmos mais

atentamente teremos um morto diante de nós que se esqueceu de morrer (KOVÁCS, 2002, p. 26).

O medo da morte expõe o conceito de morte digna, que provém da morte natural e toda e qualquer outra acaba sendo sinônimo de fracasso. Desta maneira, percebe-se, as variações quanto ao significado da morte e os respectivos rituais mediante cada cultura. A forma de lidar com a morte e o morrer em cada sociedade diz muito sobre os valores daquele grupo.

Como dito no capítulo anterior, o homem da sociedade contemporânea é um sujeito de produção e a cessação da vida, marca a paralização total e definitiva da máquina – corpo. Faz-se necessário pontuar que, de maneiras e por motivações diferentes, essa representação do medo já se dava em outros modelos sociais, como por exemplo na idade média onde a sociedade declarava uma caça às bruxas, literalmente; na sociedade disciplinar, onde a morte era uma das punições para os corpos que não se tornavam dóceis. Ou seja, pode se perceber que além da subjetividade existente nas representações sociais da morte, também há uma visão coletiva, senso comum, sendo o medo inserido e desenvolvido nos indivíduos e consequentemente na sociedade, ao longo do tempo e das rupturas sócio-históricas.

Diante disso, entende-se que as representações sociais da morte, era um assunto natural, porém peculiar, enquanto as mortes também se davam por causas biologicamente naturais como a velhice e fatalidades como doenças. Ao surgir em novas possibilidades de perda por morte, controle sociopolítico sobre os corpos, formas de redução das taxas de mortalidade e prolongamento da expectativa de vida, esta temática passou a ser vista com maior sensibilidade. Sendo assim, até as mortes por causas naturais e fatalidades como doenças, passam a não ser aceitas e nem encaradas naturalmente, pois remetem a ideia de fracasso e não mais o fim de um ciclo.

A MORTE E SUA HISTORICIDADE

Ao longo do tempo, a morte serviu como inspiração para poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns. Kovács (1992) destaca que existem diversos registros desde os primórdios, pois, além da finitude ser representada como perda, ruptura, desmembramento, dentre outras percepções negativas, ela também era vista como fascínio, sedução, uma grande viagem, descanso e alívio.

Goswami (2005), faz as seguintes indagações: “O que é a morte? A resposta a princípio, parece fácil: morte é o fim da vida, a cessação da existência, mas sabemos o que é a vida? Sabemos o que significa sua cessação?”.

Em diferentes estruturas socioculturais as crenças a respeito da vida após a morte nutriram uma esperança. Já que nesses diferentes contextos socioculturais não há apenas o conceito de morte, mas a ideia de

continuidade da vida, mesmo após a morte.

Santos (1997) disserta que o conceito de morte, distintivamente do conceito de doença, não pode ser determinado tão somente pelo parâmetro biológico, pois este está correlacionado com as crenças filosóficas mais generalizadas ao significado de vida e de morte e que de acordo com a hermenêutica jurídica o conceito de morte é considerado aberto. Isso se dá pelo fato de que os elementos que o constituem são dados pela ciência médica, porém, a interpretação é jurídica. A autora destaca ainda que apesar do conceito ser de interesse de diferentes ciências, sendo elas: médicas, biológicas, jurídicas e sociais, o mesmo ainda está distante de ter um consenso do instante real de seu acontecimento e que o direito não tem uma definição exata para os conceitos de vida e morte, mas que se faz necessário haver uma diferenciação entre a morte, o morrer e o morto.

Já Marton (2018), relata em sua obra que para o direito a morte é compreendida como um acontecimento natural, pois a partir dela se faz necessário produzir documentos como, por exemplo, certidão de óbito e que para a medicina esta é vista como um acontecimento fatal que ainda necessita ser previsto e explicado, mas que diante de diversas rupturas, desenvolveu na medicina a necessidade de contrapor-se a ela. Ou seja, é preciso manter a vida biológica até seu extremo, prolongando demasiadamente o processo do óbito.

Após a morte, as células iniciam o processo de morte, este processo pode durar horas e até mesmo dias. Combinato; Queiroz (2006), caracterizam que para a ciência a morte está localizada na visão biológica do modelo biomédico. Isto é, nas palavras de Capra (1982, p. 138): “a morte consiste, simplesmente, na paralisação total da máquina-corpo”.

A partir do momento que a ciência se aprofunda em novos estudos acerca da finitude da vida e a quantifica, torna-se palpável o que antes apenas as religiões buscavam, a vida após a morte.

Tendo em vista que desde a Antiguidade até os dias atuais, o homem busca meios de romper a morte e ser eternizado. Bem como as diferentes religiões, que se caracterizam como um conjunto de crenças e práticas daquilo que é sobrenatural e isso, tem grande influência na construção das crenças sociais dos indivíduos. Diante disso, subentende-se que do mesmo modo, estas são significativas na concepção dos conceitos de vida e morte e se encontram presentes nesta construção desde a antiguidade e em diferentes contextos sociais.

No tópico seguinte será abordado como a morte é vista ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Apesar desses contextos serem divergentes em alguns pontos, eles buscam o mesmo objetivo ao chegar a finitude da vida, que é ser imortalizado através de uma conexão divina que permita que o morto transcenda e seja eternizado.

A MORTE E OS DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS

Ao fazer uma análise de diferentes contextos socioculturais, percebe-se que desde a Antiguidade o homem travou uma batalha contra a morte, fomentado por seu desejo pela imortalidade. Buscavam-se formas de ser eternizado através de esculturas, imagens em tumbas, dentre outros ritos e formas de “burlar” a finitude da vida terrena.

No Egito antigo, acreditava-se que a morte era, na realidade, uma continuidade da vida. A partir desta crença os entes tinham cuidado para que os ritos fossem cumpridos adequadamente e assim fornecesse ao morto uma boa “extensão” da vida.

Uma das crenças egípcias acerca da passagem da morte para a continuidade da vida gira entorno do universo aquático, realidade destacada por Leal e Lima (2018) ao relatarem que através do rio Nilo, “a barca de Ra, que “conduzia o Deus Ra, personificação do Sol, através do espaço, de dia, do Oriente para o Ocidente, e por misteriosas regiões à noite”. Os autores ainda supõem que tais ritos funcionavam como uma garantia de que os mortos tivessem uma boa vida após a morte, tivessem eles um importante status social ou não, estes ritos deveriam ser cumpridos.

Bakos (1994), relata acerca da simplicidade que os egípcios tinham a respeito da finitude da vida humana terrena e destaca a clareza com que expunham o entendimento sobre a morte como manutenção da vida (não mais terrena). A preparação da decoração das tumbas, as tumbas propriamente ditas e vistas por eles como o local onde a morte, cederia espaço para a continuidade da vida, ou seja, a morte era compreendida por eles como um instante de passagem de uma vida para a outra.

Desta forma, Leal e Lima (2018) apontam que a morte não é o fim, e o conceito de finitude transcende do Duat (mundo dos mortos) para o Kemet (mundo dos vivos).

Outra crença egípcia, acerca da morte, importante de ser destacada, gira em torno dos faraós. De acordo com Eliade (2010), o faraó era considerado um “mortal divinizado na terra” e “sua morte, significava somente uma transladação ao Céu”, ou seja, pressupunha que o falecimento dos faraós era um instante de passagem de um Deus encarnado para outro.

Já o povo Asteca era conhecido por seus rituais sanguinários, rituais estes que eram de suma importância para a manutenção da vida. Isto se dava pelo fato de os astecas enxergarem os sacrifícios humanos como vitais e que se eles cessassem como cumprimento destes seria o fim do mundo, pois os sacrifícios sanguinários não apenas mantinham a humanidade terrena viva, mas poderia garantir a vida eterna à todos.

Sousa; Silva; Fontenele (2006, p. 5), relatam que os Astecas “nutriam um sentimento especial diante do fenômeno natural que é a morte e encaravam-na como um espelho que refletia a forma como viviam e seus arrependimentos, acreditando que a morte iluminava a vida.”

Para eles existiam cinco maneiras diferentes de morte, sendo elas: “a morte comum, a morte dos guerreiros, a morte na pedra de sacrifícios, a

morte relacionada à água e a morte de crianças pequenas” (*ibid.*, p. 6) e que cada tipo de morte proporcionava um rito fúnebre, enterro e vida pós morte diferente.

A morte comum era a morte considerada como causas naturais, como: velhice grande parte das doenças e acidentes. Esta era o único tipo de morte que não garantia salvação inquestionável. Pelo contrário, os falecimentos oriundos desta forma eram vistos com horror, pois criava-se a ideia de que iriam para um lugar chamado Miclitán e que seria um lugar semelhante ao inferno, onde o finado permanecia por nove anos até sua extinção.

Já a morte dos guerreiros em campo de batalha, era uma das mais honradas e garantia a estes a salvação direta. Eles passavam a morar com o sol por quatro anos e após esse período retornavam como borboletas ou colibris. Os mortos na pedra desacrifícios tinham a mesma honra e destino que os guerreiros mortos em batalha pois entendiam que apesar de serem formas diferentes ambas eram muito honrosas.

Na morte relacionada a água eram considerados os falecimentos no parto, algumas doenças como gota, ácido úrico, lepra e sarna e por raios. Esse tipo de fimera considerado tranquilo, ou seja, uma boa morte, diante disso esses indivíduos recebiam o direito de serem enterrados e passavam a ser cultuados como escolhidos do Deus Tlaloc, o Deus da chuva e da fertilidade.

Por último, mas não menos importante, pelo contrário, a morte de crianças pequenas. Estas eram consideradas puras e inocentes pelos astecas e por este motivo viveriam eternamente em um jardim florido, reencarnadas como pássaros.

Assim, é destacado por Sousa; Silva; Fontenele (2006), a consciência da morte importância da forma de morrer, dos ritos fúnebres e dos sacrifícios para os astecas pois estão profundamente conectados a manutenção da sua civilização.

Segundo Pereira (2013), cerca de 80,3% da população Indiana tem o Hinduísmo como crença. Diante disso, a sociedade tem sua vida baseada nessas crenças e costumes seguindo fielmente esse conceito de vida e morte.

Para o Hinduísmo, o nascimento e a morte são meros ardis de Mâyā, o aspecto ilusório da energia material. Na realidade, vida é morte, e morte é vida, pois quem nasceu já começou a morrer, e quem morreu já começou a viver (VALERA, 2012, p. 199).

Há quem creia que todo dia é menos um dia, ou seja, que mais um dia vivido significa estar mais próximo da morte. Como um prazo de validade, prazo este que, na verdade, é indeterminado. Em princípio esta visão, quanto ao fim da vida, soa um tanto mórbida, porém, em alguns contextos socioculturais é uma visão comum dado as crenças de que a morte é apenas a finitude do “ser”

terreno.

Valera (2012) relata que os hindus têm uma visão segura acerca da morte (mahā-prasthāna, a grande partida), eles acreditam que a morte ocorre para o corpo e não para a alma, já que esta será reencarnada. Não há a possibilidade de compreender os conceitos da morte e do renascimento sem saber que existe uma diferença entre a alma (ātma), que é permanente e o corpo material, temporário. Por este motivo busca-se viver a vida de maneira correta e ter uma boa morte pois é o que definirá como o indivíduo será reencarnado. Sendo, também, de suma importância que os ritos pós morte sejam devidamente cumpridos com o propósito de que a ātmatenha uma boa passagem para a reencarnação.

Por este motivo, como parte dos ritos mortuários, os enlutados, cantam alegremente, enquanto carregam o corpo mortificado, durante o dia, pelas ruas e velas até o rio Ganges, por sete dias seguidos. O ato tem o intuito de facilitar a jornada da alma para uma vida melhor, assim é proibido que haja lamentações em excesso, por acreditar que eles levam energia negativa da alma que partiu há pouco de seu corpo, melhor então, que através das boas lembranças de momentos alegres, se enviem energias positivas.

Para Goswami (2005, p. 128) “segundo o hinduísmo, a vida humana tem quatro metas: dharma (geralmente traduzido como ação correta ou deveres éticos); artha (dinheiro ou segurança); kama (desejo) e moksha (libertação).” Apesar de, acreditarem que se vive um ciclo, como: viver, morrer e reencarnar. Este último não é objetivo a ser alcançado, o propósito não é viver a reencarnação, mas vir a ser um com a existência (“Deus”) e assim tornar-se eterno, ou seja, transcender o renascimento e receber a moksha.

Com um olhar diferente do hinduísmo sobre a morte, também é necessário citar o Judaísmo, que foi, possivelmente, a primeira religião monoteísta (que acredita na existência de apenas um Deus), da história. Pinto (2013) descrevem que apesar das rupturas religiosas sofridas, o judaísmo acredita que a morte não é o fim da vida, mas o fim do corpo material, ou seja, o corpo terreno morre, mas a alma é transacionada para outro mundo. No intervalo entre a morte e o enterro do sujeito (Aninut), os enlutados devem rapidamente fornecer um enterro adequado e respeitoso ao finado. Pois conjectura-se que a alma só inicia o processo de separação do corpo para o mundo espiritual, após o funeral.

Ora, se morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos. Pois sabemos que, tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele (BÍBLIA, Romanos 6: 8- 9).

Já na visão cristã, De Paula (2005), disserta que o ser humano é dividido em alma e corpo e que a morte consiste na ruptura destes. Sabe-se que o Cristianismo também é uma religião monoteísta, como o judaísmo, mas ao contrário deste, tem como embasamento os ensinamentos e a vida de Jesus Cristo e se subdivide em: Catolicismo, protestantismo e ortodoxia

oriental.

Sendo a morte e, principalmente, a pós morte um assunto impreciso, ter, ao menos, um ponto norteador se faz muito importante, principalmente, para as religiões que se dispõem a tornar a temática familiar aos indivíduos, agindo assim como um senso comum para seus seguidores. Dessa forma, ter como ponto norteador, um representante que venceu a temida morte e tem domínio sobre ela, traz segurança para seus adeptos.

Silva e Vaz (2002) mostram que apesar de alguns pontos de vista divergentes, entre essas subdivisões religiosas, o Cristianismo como um todo entende que a vida presente é uma caminhada e que a morte é uma passagem para uma vida eterna e feliz para os que seguiram os ensinamentos de Cristo, estes, ressuscitarão, pois a alma é imortal.

Dentro deste conceito de imortalidade, o cristianismo professa que existem, inevitavelmente, duas possibilidades para a alma eternizada, são eles: o Céu ou o inferno.

Pinto (2013, p. 7), explica que o propósito é viver com Cristo no céu, numa espécie de recompensa por viver uma vida correta e de arrependimentos pelos pecados, que leva a salvação. E o inferno seria o oposto, ou seja, uma punição para os incrédulos. Ainda existe o purgatório que seria “um lugar ou condição de punição temporal, pois quem vai para esse lugar tem que pagar por suas transgressões”.

Diante do conhecimento acerca de como a morte é vista em diferentes contextos e crenças, se faz importante destacar que a forma como estas são vistas estão diretamente ligada a cultura em que o indivíduo está inserido e as suas experiências de vida.

Vale ressaltar que existem outras crenças religiosas e contextos socioculturais, porém, não estão destacados neste trabalho. Entretanto, a partir das crenças aqui destacadas, percebe-se que todas elas acreditam, de maneiras diferentes, no conceito de vida eterna. O que nos leva a crer que apesar das rupturas sociais acerca da morte, que serão destacadas posteriormente neste trabalho, a humanidade caminha procurando meios de imortalizar os indivíduos, para além da memória, de alguma forma, dando continuidade à vida em um plano espiritual.

RUPTURAS SOCIAIS ACERCA DA MORTE E DO MORRER

No decorrer do tempo a morte passou a ter conceitos diversos, tanto pelo olhar da Medicina e seus avanços, quanto pela ótica social. Assim, perpassa a biologia, a filosofia, a religião, dentre outros, como formadores de opinião e construtores de subjetividade nos indivíduos e na sociedade como um todo, além de colaborar para as rupturas sociais acerca do decesso.

Ariès (1977), descreve que em alguns países mediterrâneos, até o século XII, o morto era transportado até o sarcófago, onde seria enterrado com seu rosto descoberto. Nesta época, independentemente de sua condição social, a ideia era a de que o morto fosse visto.

Ainda de acordo com o autor, no século XIII, se inicia uma ruptura

social, onde o morto passou a ter seu rosto coberto como forma de permanecer oculto aos olhares. Independente da finitude que o corpo fosse ter: envolvido em uma mortalha ou enterrado. Posteriormente, virou hábito colocar o corpo diante do altar, dentro do caixão e cobrir o mesmo com um pano mortuário e era deixado neste local por três missas cantadas. Algo já existente nos rituais desde o século anterior, mas que não era muito comum, tal atitude se dava com o objetivo de que a alma do morto fosse salva.

Com o passar do tempo outras formas de representação do falecido foram utilizadas, como: através de estátuas que decoravam o local onde o corpo era velado, a posteriori essas representações se davam por máscaras mortuárias que eram mantidas no local e colocadas no túmulo onde o corpo era enterrado. Tais máscaras eram feitas a partir de um procedimento feito no rosto do próprio cadáver, independentemente de seu estado. Esse rito visava homenagear o morto e ter uma imagem fidedigna dele. Assim como no período denominado “período macabro”, que se passou entre os séculos XIV e XVI.

Gimenez (2011), compartilha que durante o período da baixa idade média, através de diferentes vertentes da arte, o tema da morte podia ser visto em textos literários, atos teatrais, gravuras, pinturas, esculturas, na música e através de danças com o objetivo de retratar a morte e seu aparecimento repentino, puxando todos os seres humanos para o seu peculiar baile. Que funciona como: “uma espécie de acusação ou de ‘acerto de contas’, ela mostra a brevidade da vida e a decomposição do corpo, uma vez que todos, independentemente da posição social, política ou religiosa que ocupam no mundo, compartilharão da sua coreografia” (GIMENEZ, 2011, p. 43).

Ainda segundo o autor, a intenção que se tinha era de que através das representações artísticas macabras, se retratasse o desejo de trazer equilíbrio para aquela sociedade. Ou seja, os atos e manifestações artísticas eram de caráter, estritamente, moralista a respeito de uma sociedade que estava com seus valores sociais deturpados, por se basear na importante separação que as camadas sociais faziam, sobretudo, pela forma como os indivíduos agiam ao se considerarem superiores aos demais, devido a posição que ocupavam.

Os autores, principalmente das peças, esperavam que através desses atos cheios de simbologia, se resgatasse a ordem social, quicá a humanidade dos indivíduos, disciplinando a sociedade e trazendo a memória de seus membros que mesmo que estivessem se dividido em diferentes camadas sociais, a morte os tornava iguais.

Tavares (2011) descreve que na Europa, assim como no Brasil, se sustentava uma relação entre a vida e a morte, que trazia uma visão natural da morte. Tão natural que fazia parte do ambiente doméstico e dominado pela igreja católica ocupava um estimado lugar social e ritualístico, onde o indivíduo ao “pressentir” a hora de sua partida, se separava em um cômodo da casa para orientar e se despedir dos entes queridos e vizinhos que permaneceriam em vida, pois a comunidade local fazia parte de todo o

processo ritualístico. Morrer e não ser visto, nesta época, era motivo de vergonha. Desta forma, também confessavam seus pecados, a fim de após sua morte receber o perdão divino.

A morte faz o homem lembrar que as capacidades humanas em relação ao universo natural são limitadas. Uma nova imagem da morte se formou em nossa época; a morte é escondida e silenciada. Por ser entendida como feia e suja, foi banida do espaço familiar para as instituições hospitalares e para o cemitério. Com o aumento da expectativa de vida, a morte tornou-se mais distante, deixou de ser admitida como fenômeno natural e necessário. Agora, ela é sempre considerada como prematura ou acidental, sempre oculta na doença ou no acidente. Tal comportamento tanto por parte do moribundo quanto dos seus familiares traz intrinsecamente implicações psicológicas e sociais, além de culturais (MUNIZ, 2006, p. 160).

O surgimento dos hospitais se deu a partir de uma visão religiosa com o intuito de que pessoas comuns e religiosos, dirigidos por suas crenças, tivessem ações caridosas para com os necessitados caracterizando, então, uma ausência do estado nestas instituições hospitalares. Com a necessidade de mais conhecimento para tratar das doenças abriu-se espaço para a medicina adentrar na instituição, marcando mais uma ruptura social, onde a morte domesticada começa a ceder lugar para a morte nos hospitais.

Mendes e Borges (2012), comentam que o novo modelo de trabalho, industrial, também teve grande influência nesta ruptura, acerca da gestão da morte, nomeada "morte moderna". Não se tinha mais tempo para cuidar dos doentes, estes eram agora deslocados para os hospitais e não mais mantidos em casa, muito menos para a morte, neste instante era necessário produzir.

Os autores ainda relatam que no século XX, com os avanços da Medicina, houve uma relevante redução das diferentes taxas de mortalidade e promoção do prolongamento da expectativa de vida. Agora começa a se evitar a morte buscando, tratamento e cura para as doenças a fim de prolongar a vida, o hospital, que antes era um lugar de morte, também passa a evita lá.

Vomero (2002), defende que posteriormente, o mundo ocidental transformou este assunto em tabu, omitindo e fugindo de debates acerca de doenças, velhice e qualquer temática que remeta direta ou indiretamente a ortotanásia. A partir disso os indivíduos desencadearam o medo do óbito como sendo um mecanismo de defesa.

Diante das constatações apresentadas, até aqui, pode-se perceber que antes as crenças que eram rígidas, totalmente, pela religião passam a dividir a responsabilidade de encontrar explicação para a morte, com a história, a filosofia e, principalmente com a ciência em suas diferentes vertentes. Essa constante busca que visa dissipar as incertezas acerca do tema, aguçou o medo nos indivíduos.

As emoções determinam nossa qualidade de vida. Elas acontecem em todos os relacionamentos que nos interessam: no trabalho, em nossas amizades, nas interações familiares e em relacionamentos íntimos. Podem salvar nossas vidas, mas, também, causar danos (EKMAN, 2011, p. 12).

O imaginário acerca da morte e pós-morte despertou no homem, o medo de maneira mais intensa e representativa. A influência desta emoção age de maneira intrínseca na percepção dos sujeitos a respeito da morte e do morrer.

Pode se dizer que as incertezas que pairam sobre a temática, evocam a não-familiaridade sobre o assunto e que as diferentes culturas, religiões e até mesmo a ciência, buscam não apenas explicações, mas meios de tornar, de alguma forma, familiar aquilo que, ainda, é desconhecido.

Atualmente uma nova ruptura social sobre a morte e o morrer está ocorrendo, o COVID obrigou a sociedade a “encarar a morte de frente”. Morte esta que antes era velada, evitada, pouco comentada e agora “bate à porta” fazendo com que os indivíduos saiam da ilusória “zona de conforto”, que se configura ao evitar até mesmo falar da morte. Estar mais tempo em casa, seja sozinho ou com a família traz consigo o pensamento acerca do óbito, seja da finitude de si ou do outro, as constantes notícias da mídia acerca das mortes em massa, a nível mundial, cercam estes sujeitos. Não tem como fingir, evitar, ninguém pode mais se esconder, pois todos já estão expostos e diante disso, vida e morte se chocam.

Na visão de Hortegas; Santos (2020), a pandemia trouxe uma mudança repentina no ritual funerário pois não há mais a possibilidade de unir-se a família e aos amigos para prestar as últimas homenagens ao morto através de um velório e até mesmo o enterro torna-se restrito, pelo fato desse encontro aumentar a probabilidade de contágio. Hoje a preparação e exposição do corpo passa a ser oclusa, fechada, devido ao risco de transmissão do vírus. “O cadáver deve ser acomodado em caixão a ser lacrado antes da entrega à família” (Ministério da Saúde, 2020).

Ao longo do tempo o conceito de finitude do sujeito passou por diversas rupturas sociais. A partir dessas rupturas, Siqueira; Zilli; Griebeler (2018), destacam que a palavra “morte” é frequentemente correlacionada a sentimentos que desencadeiam algum tipo de sofrimento nos indivíduos relacionados a ideia de perda.

Vimos a morte atuar como mantenedora da vida, também como instante de passagem de uma vida para outra, bem como recrutadora do medo da finitude. Finitude esta que desperta o medo das incertezas. Será a morte o fim da existência? Ou há, de fato, uma continuidade da vida? A morte biológica é o limite? A existência do indivíduo termina quando ocorre a falência de seus órgãos?

Tendo o conhecimento dessas rupturas, aqui apresentadas, pode-se dizer que a morte foi motivo de exibição, tornou-se vergonha, posteriormente o medo assolou os indivíduos e hoje, se chora pelos mortos enquanto se

lamenta por não poder ofertar estes um enterro considerado digno, onde até a despedida fúnebre entre a família e o falecido é limitada. E os indivíduos que não enfrentam a morte terrena, se deparam com a morte social a partir da necessidade de aderir ao distanciamento social como medida preventiva para o combate da doença.

Dessa forma a sociedade contemporânea visa esquivar-se do tema morte, transformando-a em um tabu. Mas mesmo vindo a temática desta forma, os indivíduos que integram o corpo social precisam aprender, de maneira singular, a lidar com a perda, pois nem sempre a tentativa de evitar ao óbito prospera, portanto, conhecer as formas de manifestação do luto e meios de elaborá-lo se faz necessário.

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO E SUAS DIFERENTES VERTENTES

Definir o “processo do luto” é uma tarefa extremamente complexa quando se tem a ideia de que cada indivíduo o experimenta de maneira singular, única, e que tal vivência se dá a partir de fatores como o contexto sociocultural em que está inserido a forma da perda, a relação que tinha com o falecido, entre outros. Mas sintetizando, o “luto” pode estar ligado ao processo posterior a uma difícil separação ou a perda de um membro, sobretudo o luto está naturalmente ligado a sucessão do falecimento de uma pessoa significativa.

A vida é como uma vela acesa e a morte é um sopro. Essa perspectiva traz a ideia de que a qualquer momento a vida de alguém, ou a sua própria, pode ter fim. Em palavras distintas, Silva (2017) diz que a vida é transitória e que grande parte dos indivíduos só percebe essa perspectiva quando, em algum momento, se deparam com um diagnóstico que as aproximam do fim da vida.

Encarar a ausência de alguém que se tem afeto, quando se tem ciência de que este outro não retornará, é algo doloroso, gera sofrimento e após o rompimento desse vínculo, se faz necessário elaborar o luto que é vivenciado de maneira única por cada indivíduo. É válido ressaltar, que nem sempre o luto se dá pela perda de alguém querido, por vezes o vínculo estabelecido é a raiva, a mágoa, entre outros sentimentos e emoções que não são considerados benéficos, no senso comum, mas que também fazem parte do ser humano e de suas relações.

Freitas (2018), defende que a elaboração do luto pode ocorrer em diferentes vieses, luto normal (saúdavel) e luto patológico (complicado). No luto normal o indivíduo enlutado consegue vivenciar as diferentes fases do luto e lidar com o rompimento do vínculo desenvolvendo estratégias para dar continuidade a sua própria vida, desenvolvendo novos vínculos, relações e desempenhando novos papéis apesar da ausência do outro.

Santos; Yamamoto; Custódio (2018) e Worden (2013), descrevem que luto saúdavel é caracterizado por quatro pontos, e são eles: a aceitação da perda, que ocorre a partir do entendimento de que a situação é real e

irreversível; a elaboração da dor da perda, é o entendimento de que apesar de ser vista como algo negativo, é uma vivência necessária diante da ausência do outro o qual se deu o fim de um vínculo; processo de ajustamento ao ambiente na ausência do outro, é quando aos questionamentos pessoais do indivíduo enlutado são sobre o que irão fazer na ausência do falecido e a partir disso planejam uma reorganização pessoal diante desta ausência; reposicionamento emocional a respeito do falecido, o enlutado dá abrigo as memórias com o fim de dar continuidade a sua vida.

Santos; Yamamoto; Custódio (2018) e Worden (2013), relatam que o luto patológico pode se desdobrar em diferentes vertentes que se dão como mecanismo psíquico de defesa; luto crônico-se dá pela prorrogação indeterminada do luto, como predomínio da ansiedade, inquietude e tensões; luto adiado - nesta vertente as fases do luto não acontecem adequadamente dentro do tempo devido, como uma tentativa de adiar o luto, e o enlutado tende a isolar-se ou ter outros sintomas que seriam “normais” dentro do luto, mas que se apresentam de maneira distorcida; luto inibido - nada mais é do que a privação, ausência, dos sintomas apresentados no luto normal.

De acordo com Michel; Freitas (2019), apesar de sofrer diversas críticas, os autores do DSM-V identificam que um indivíduo que se encontra em um luto patológico deve ser diagnosticado com um transtorno depressivo maior, pelo fato de entender que a depressão pode ter diversas causas e o luto patológico pode ser uma delas. Estudos com pacientes terminais e familiares enlutados, identificaram que o processo da morte e posteriormente a vivência do luto, tem algumas características específicas.

Entende-se por desenvolvimento psicossocial a capacidade de aquisição progressiva do ser humano de interagir com seu meio ambiente. Este processo se inicia com o nascimento e termina com a idade adulta embora, com maior precisão, possa se dizer que só termina com a morte, pois a aptidão para crescer e amadurecer particularmente na área social é inesgotável (BRASIL, 1993, p. 37).

Sendo assim, é necessário considerar que ao discorrer a respeito do luto numa perspectiva de saúde e doença, não se deve considerar unicamente o modelo biomédico que se limita a uma dimensão biológica. Ou seja, faz-se necessário levar em consideração os fatores psicossociais, pois o sujeito é um ser de interação, para a partir dessas considerações buscar fundamentos para as causas das doenças e promoção da saúde do indivíduo.

Dessa forma, Ramos (2016) disserta que o luto patológico está mais relacionado a intensidade da vivência do luto e sua duração, do que a ausência ou presença de algum comportamento específico.

Diante das especificidades expostas, pode-se dizer que o luto saudável tem seu fim, elaboração, a partir do momento em que o sujeito enlutado retoma seu equilíbrio psicológico e social. Já o luto patológico pode ser definido como a intensificação do luto a um nível em que a pessoa se

encontra destroçada, originando um comportamento não adaptativo face à perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, impedindo a sua progressão com vista à finalização do processo deluto.

Kubler-Ross (1981), relacionou estudos sobre como pacientes em estado terminal lidavam com a “espera da morte”, luto antecipatório² com o processo de elaboração do luto (normal ou saudável) e o dividiu em cinco fases, sendo elas: Negação (isolamento) que é o período de intensa dor e dificuldade em acreditar na perda do outro, gerando impasse para elaborar uma perspectiva de futuro sem a presença do falecido (a) e consequentemente isolamento; raiva, são os esforços para canalizar a negação dos fatos pois o indivíduo começa a entender de que não há volta para o ocorrido; Na barganha acontecem espécies de “negociações internas”. O indivíduo negocia de maneira interna, ou seja, com ele mesmo, soluções para enfrentar a ausência do outro e lidar com o presente e o futuro; a depressão tem como principal característica a vivência de um sofrimento intenso. O indivíduo é tomado pela falta do outro que gera sentimento de culpa, desesperança, arrependimento por algo que fez ou deixou de fazer enquanto o outro ainda estava em vida; melancolia, impotência e aceitação é quando o indivíduo passa a ver a ausência do outro de maneira realista. O desespero cede lugar a uma certa serenidade, a saudade se faz presente de forma consciente.

Tais fases apresentadas pela autora não se dão como regras, nem menos uma ordem. É necessário ressaltar que nem todos os indivíduos passam por todas as fases sugeridas pela autora, pois a vivência e o enfrentamento da perda são subjetivos, ou seja, cada pessoa o enfrentará de uma forma, dentro dos seus contextos, experiências e vivências. O fato é que o luto precisa ser vivenciado, pois sua não elaboração poderá afetar não somente a pessoa que passou pela perda direta, mas também a seus familiares e demais membro de seu círculo relacional.

Hott (2020), declara que os homens precisam ter uma rede de apoio que seja fortalecida, pois as relações têm o poder de moldar os indivíduos e dá a estes o poder de serem moldadores, tanto nas questões de vida quanto de morte.

Como exposto anteriormente, mais especificamente no capítulo 2.1, as religiões têm forte influência na visão do homem sobre a morte e pós morte, dessa forma não poderia ser diferente acerca do enfrentamento do luto. Levando em consideração a subjetividade do sujeito e suas crenças, podemos identificar que a religião e a religiosidade podem ser norteadoras para o indivíduo lidar com o rompimento do vínculo e elaborar o luto, bem como as diferentes culturas no qual esteja inserido.

Para Worden (2013), cada indivíduo pertence a diversas subculturas sociais étnicas e religiosas que fornecem a ele um guia comportamental. Ou seja, a religião tem influência

² Utilizado pela primeira vez por Lindemann em 1944, no artigo *The Symptomatology and Management of Acute Grief*, o termo luto antecipatório foi definido como uma reação de pesar genuína em pessoas que não estão enlutadas pela morte em si, mas pela experiência de uma separação onde há a ameaça de morte. – Santos, Yamamoto e Custódio, 2017, p. 8).

direta sobre como a pessoa lida com a perda a partir das crenças constituídas sobre indivíduo.

A questão religiosa se apresenta de maneira intrínseca (características próprias, natural), quando o indivíduo tem a religião como norteadora de suas vivências e extrínseca (fator externo), quando o indivíduo apenas utiliza a religião para lidar com suas questões.

A partir de tais fatos, pode-se chegar à conclusão de que diante de uma sociedade cansada, não se pode parar. Porém, devido ao cenário social atual, hoje se dá mais valor a presença do outro, a vida, a coisas simples como uma caminhada ao ar livre, a face descoberta, sem máscaras, sejam elas para a proteção ou sociais. Apesar de despir-se e aprender a valorizar a vida, ainda assim, não se pode parar. Mas é necessário olhar para o sujeito enquanto um ser provido de necessidades, desejos, medos, certezas, incertezas, emoções e sentimentos e que precisa de cuidados. Dessa forma, a psicologia tem um papel de extrema importância para assuntos de vida, morte e luto.

O SUPORTE PSICOLÓGICO NO PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DO LUTO

A Psicologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a mente e o comportamento humano, a partir de suas diferentes abordagens e métodos, provenientes delas, pode corroborar para que o sujeito possa enfrentar questões complexas, dentre elas o luto. É extremamente importante que se trabalhe tal temática na psicologia e que os profissionais da área conheçam mais dela, pois o homem é um ser para a morte e por isso o luto é um fator que não deve ser desconsiderado, mas visto como parte importante do indivíduo por se tratar de sua saúde emocional. Portanto, desvalorizar a dor do sofrimento é uma forma de não se importar com a saúde mental do sujeito.

Tada e Kovács (2007), relatam que o indivíduo enlutado externaliza seu sofrimento a partir da vivência do luto e do compartilhamento dos seus sentimentos. Tal comportamento pode então auxiliar o indivíduo em seu enfrentamento ao luto, o que é muito importante pois a boa elaboração do luto irá interferir de maneira positiva em sua continuidade da vida e a sua não elaboração age de forma contrária, ou seja, mantém o sujeito preso a ideia, ilusória, de que a pessoa falecida poderá voltar de repente. Podendo desencadear doenças, comportamentos criminosos, antissociais, de revolta e ideação suicida.

A partir desta visão pode-se dizer que o psicólogo, ao lidar, com uma pessoa enlutada deve proporcionar um espaço de fala de maneira que este se sinta confortável para utilizá-lo, bem como aprimorar sua escuta clínica para perceber e entender o que é dito, tanto diretamente quanto pelas entrelinhas, pois a fala deste indivíduo é de suma importância para seu processo de enfrentamento e elaboração. Ou seja, dar voz a pessoa enlutada é um acolhimento necessário, uma manifestação de cuidado, solidariedade e

respeito a sua dor e a memória do falecido.

Não existe uma maneira específica de se tratar o luto devido a subjetividade que o envolve, pelo fato de cada pessoa o vivenciar de maneira particular. Porém, autores como Kubler-Ross, Kovács, Worden, entre outros, partilham em suas obras pontos importantes que podem auxiliar nas intervenções psicológicas. Também se faz necessário buscar conhecer os conceitos de luto normal e patológico para nortear o processo de intervenção.

De acordo com Engel (1961) citado por Worden (2013), o luto pode ser comparado ao processo de cicatrização de um ferimento. Baseado nesta visão pode-se dizer que a perda marca quebra de um vínculo e abre uma ferida emocional em quem permanece vivo. Desta forma é estritamente necessário que haja os devidos cuidados para cicatrização dessas feridas, através do psicólogo e as pessoas que fazem parte do círculo relacional do sujeito os principais agentes para o auxílio no processo de cura, que é para o autor uma adaptação à perda.

Worden (2013), classifica os comportamentos do luto normal em quatro categorias sendo elas: sentimentos, sensações físicas, cognição e comportamentos. Para ele os sujeitos que se encontram em luto precisam desenvolver suas reações, afim de conseguir um equilíbrio e para que isso ocorra há a necessidade de serem definidas algumas tarefas para que este realize ao longo do processo, que consistem em: Aceitar a realidade da perda, ou seja, aceitar a realidade de que a pessoa não retornará, pois os indivíduos tendem a se deparar com a ilusão de que a qualquer momento haverá um reencontro e isso se dá pela negação da morte; processar a dor do luto. É a vivência da dor provocada pela perda. Se caracteriza pelo sofrimento emocional e comportamental que pode gerar dores físicas.

O enlutado pode ter um comportamento de fuga para evitar a vivência do sofrimento, mas ocorre apenas uma camuflagem, portanto, é importante que se reconheça e trabalhe este sofrimento para que não haja somatização; ajustar-se em um mundo sem a pessoa morta. É adaptação a realidade sem a pessoa significativa, uma remoção do investimento emocional no ente perdido através de ajustamentos internos, externos e espirituais que funcionam como uma busca de sentidos que desafiam suas crenças sobre si, sobre o outro e sobre o mundo; encontrar uma conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida. É o entendimento de que não se desconstrói os laços com a pessoa falecida. Dessa forma, mantém uma conexão que possa se adaptar e dar continuidade a sua vida.

No cenário atual em que a sociedade se encontra, Hott (2020) relata que diante da pandemia do COVID-19, que ainda tem feito muitas vítimas, vive-se um luto em massa e para a autora o transtorno do luto está se organizando como uma questão de saúde pública, devido ao crescimento de pessoas adoecidas pelo sofrimento em excesso, havendo a necessidade de cuidados e intervenções psicológicas.

Hortegas; Santos (2020), declaram que essa ruptura social acerca da morte e do morrer, desestabiliza o processo de elaboração do luto, pois muitas famílias não conseguem, nesse momento de dor, pensar as

orientações sanitárias de maneira racional e tendem acreditar que seu ente querido não recebeu o rito merecido. Além de influenciar diretamente sobre o luto, tal ruptura trouxe um aumento do risco de problemas de saúde mental nos indivíduos que sobreviverem a esta crise, pois o impedimento do luto pode se tornar um intensificador do sofrimento, ao longo do tempo.

Worden (2013) compartilha em sua obra sete pontos que classifica como mediadores, no qual o psicólogo precisa ter conhecimento para nortear a intervenção psicológica nos casos de luto, são eles: quem era a pessoa que morreu, pois o grau de parentesco irá auxiliar na identificação do tipo de relacionamento do enlutado com o falecido; natureza do vínculo, que se divide na força do apego, segurança do apego, ambivalência no relacionamento, conflitos com a pessoa que morreu e relacionamento dependente; como a pessoa morreu, é de suma importância pois tem influência direta na maneira que o enlutado lida com o luto e se subdivide nos seguintes pontos: proximidade, morte repentina ou inesperada, morte violenta ou traumática, múltiplas perdas, morte evitável, perda ambígua e morte estigmatizada; antecedentes históricos, é necessário saber que a pessoa já passou por outras perdas por morte e como as vivenciou; variáveis de personalidade, suas vertentes são: idade e gênero do indivíduo enlutado; seu estilo de enfrentamento, apego e cognitivo; a força de seu ego (auto-eficácia e a auto-estima) e suas crenças e valores (mundo presumido); variáveis sociais, parte da necessidade de compartilhar o luto com sua rede e se divide na satisfação do sujeito no suporte recebido por sua rede social de apoio, seu envolvimento em papéis sociais e recursos religiosos e expectativas étnicas fornecem as informações do comportamento; e estressores concorrentes, são as mudanças e crises que acontecem após a perda e se subdividem em cautela e finalização do luto.

Tais orientações têm o intuito de agir como norteadoras da intervenção psicológica na clínica do luto, mas é necessário ressaltar que não devem ser seguidas como um guia único e restrito. Cabe ao psicólogo desenvolver o manejo de suas técnicas de maneira flexível e modulável a cada pessoa, pois a vivência e adaptação ao luto varia de pessoa para pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tamanhas incertezas, a religião, a ciência, a filosofia, a psicologia e a sociedade investem em uma busca constante por mais conhecimento acerca do fim da vida, desencadeando não apenas rupturas sociais sobre o tema, mas também apresentando representações sociais referentes a esta temática.

Este trabalho se propôs, a partir de uma revisão de estudos, relatar os contextos sócio-históricos a respeito da morte e do morrer, identificando e expondo as rupturas sociais acerca do tema, abordando também o conceito de sociedade contemporânea e suas rupturas, bem como as representações sociais acerca da morte e o processo de enfrentamento do luto. A partir disto,

podemos concluir que desde os primórdios esta temática vem sofrendo gradativas mudanças e significativas rupturas sociais a partir de avanços na medicina, influências religiosas e filosóficas.

A forma como a sociedade se organiza e se desenvolve também mostra uma condição de suma importância para o entendimento dos fatores que envolvem a morte e o processo de elaboração do luto, bem como a cultura e a religião enquanto norteadores do indivíduo. Sobretudo, percebe-se que desde a antiguidade e mesmo em diferentes contextos socioculturais, apesar do medo que o assola a respeito das incertezas diante da temática, o homem busca, incansavelmente, através da filosofi-ciência e religião meios de se tornar eterno.

Diante disso é necessário compartilhar que tal pesquisa foi de suma importância para conhecimento pessoal, desenvolvimento acadêmico, profissional e enquanto ser social, também é, sem dúvidas, muito necessário no âmbito científico, principalmente para a psicologia, tendo em vista que a morte e seus desdobramentos é um tema comum e presente nas práticas clínicas, mesmo em suas diferentes vertentes.

Apesar de ser um assunto muito evitado pela sociedade, a psicologia enquanto ciência que estuda a mente e o comportamento humano, não deve abster-se de tal tema. Mas considerar a morte como parte do desenvolvimento humano, corroborando para uma nova ruptura social onde os indivíduos que compõe a sociedade possam através do autoconhecimento perder o medo de falar sobre a morte que atualmente, marca a sociedade. Ou seja, o psicólogo deve se colocar como agente de ancoragem ao tornar a discussão sobre o tema natural a nível científico e social.

A naturalização do assunto poderá ser benéfica para a vida do corpo social, principalmente quando os indivíduos que o compõe se depararem com a própria finitude, bem como no processo de enfrentamento do luto, onde a psicologia pode e deve se inserir para agregar cuidados aos indivíduos enlutados.

Pela observação dos aspectos analisados, entende-se que representações sociais (RS) são um conjunto de fundamentos, ideias e imagens que possibilitam aos indivíduos rememorar conceitos, acontecimentos, objetos ou pessoas, que se dão através das interações sociais e ao que é comum a um grupo de pessoas. Mediante isto, é-se levado a acreditar que as representações sociais da morte (RSM) podem ser construídas de diferentes maneiras a partir das religiões e dos contextos socioculturais, ou seja, assim como o indivíduo, a sociedade também se estrutura e constitui pensamentos do senso comum.

Portanto, dado o exposto, cada contexto social pode estruturar sua visão acerca da morte a partir de sua cultura e estrutura social. Dessa forma, nota-se, que mediante as rupturas sociais que ocorreram ao longo do tempo, o medo se tornou a representação social da morte que predomina nos países ocidentais. Já em países do continente asiático a RSM é a morte como instante de passagem, ou seja, a morte representa o fim da vida terrena, mas continua-se a viver em outro plano.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. São Paulo: Saraiva, 1977.

BAKOS, M. M. Relações nem sempre amistosas: os egípcios e seus mortos. **Clássica–Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 7 - 8, n. 1, São Paulo, 1994, p. 15-24.

Disponível: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/656>. Acesso: 15 set. 2020.

BORGES, M. S.; MENDES, N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 65, n. 2, Brasília, abr., 2012, p. 324-331. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672012000200019&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 02 nov. 2020.

BRANCO, G. C. Foucault em três tempos: a subjetividade na arqueologia do saber.

Revista Mente e Cérebro – Filosofia, 2007. p. 6-13.

BRASIL Escola. **Estudo teórico da morte**. 2018. Disponível: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>. Acesso: 20 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Normas de atenção à saúde integral de adolescente**: diretrizes gerais para atendimento de adolescentes: acompanhamento do crescimento e desenvolvimento: distúrbios da puberdade: desenvolvimento psicológico do adolescente. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 1993.

CNN Brasil. **Coronavírus**: quais foram as últimas pandemias? 13 mar. 2020. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/13/qual-foi-a-ultima-pandemia-mundial>. Acesso: 11 set. 2020.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARVALHO, C. D. R. Luto e religiosidade. **Psicologia.PT: o portal dos psicólogos**, 21 fev. 2007. Disponível: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0059.pdf>. Acesso: 16 out. 2020.

CECCON, N. J. A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. **Anais do EVINCI – UniBrasil**, Curitiba, v.3, n. 2, out. 2017, p. 883-899.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estud. psicol.(Natal)**, v.11, n. 2, 2006, p. 209-216.

CRUSOÉ, N. M. C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 2, ano II, jan. – jun., 2004. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3065>.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções**: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas**. v. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 440 p.

FISCHER, J. M. K. et. al. **Manual de tanatologia**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.

FOLHA de São Paulo. **Pandemia do coronavírus indica retorno à sociedade disciplinar**. 05 abr. 2020. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/pandemia-docoronavirusindica-retorno-a-sociedade-disciplinar.shtml#comentarios>. Acesso: 02 out. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREITAS, J. L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicol. USP**, v. 29, n.1, São Paulo, jan., 2018 p.50-57. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642018000100050&lng=en&nrm=iso. Acesso: 10 out. 2020.

GIMENEZ, J. C. Danças macabras: uma crítica social na baixa idade média. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 11, set., 2011. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30398>. Acesso: 15 set. 2020.

GOSWAMI, A. **A física da alma**. São Paulo: Aleph, 2005.

GUANDALINE, F. C. **As transformações da relação do homem com a morte**. Monografia (Especialização em Psicologia Analítica). Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2010. Disponível: <http://www.symbolon.com.br/monografias/Felipe%20Correa%20Guandalini%20-%20AS%20TRANSFORMACOES%20DA%20RELACAO%20DO%20HOMEM%20COM%20A%20MORTE.pdf>. Acesso: 02 nov. 2020.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HORTEGAS, M. G.; SANTOS, C. C. Covid-19 e o luto: sem poder dizer o último

adeus. **Revista Transformar**, v. 14, Edição Especial. "Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas", mai. - ago. 2020.

HOTT, M. COVID-19: complicando o rito da morte e o luto. **Inter. Am. J. Med. Health**, v. 3, 2020. Disponível: <https://www.iajmh.com/iajmh/article/view/121>. Acesso: 19 out. 2020.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicol. Cienc. Prof.**, v. 25, n. 3, Brasília, 2005, p. 484-497.
Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso: 18 set. 2020.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEAL, T. B.; LIMA, F. W. R. A morte, os mortos, o julgamento e a salvação no Egito Antigo. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 3, n. 5, Rio de Janeiro, jan. -jun., 2018, p. 114-128. Disponível: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8189>. Acesso: 25 out. 2020.

LEMONS, M. T. T. B. Práticas religiosas e representações simbólicas: festas e ritualidades: o Dia dos Mortos no México. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.
Disponível: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548772007_85a28255a5985919c56b820407346abd.pdf. Acesso: 13 set. 2020.

MACHADO, R. M.; MENEZES, R. A. Gestão Emocional do luto na contemporaneidade. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 2, n. 3, 2018, p. 65-94.
Disponível: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaciencias-dasociedade/article/view/622>. Acesso: 20 set. 2020.

MARTON, S. Z. **A morte como instante de vida**. Curitiba: PUC Press, 2018. 40 p.

MELLO, J. A relação do homem com a morte no decorrer da história. 2013. **GGN, o Jornal de todos os Brasis**.
Disponível: <https://jornalggcn.com.br/literatura/a-relacao-do-homem-com-a-morte-no-decorrer-da-historia/>. Acesso: 03 ago. 2020.

MICHEL, L. H. F.; FREITAS, J. L. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. **Psicol. USP**, v. 30, São Paulo, 2019.
Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

65642019000100217&lng=en&nrm=iso. Acesso: 18 out. 2020.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, Itatiba, abr., 2015, p. 153-162,

Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso: 17 out. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes [1961], 2012.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MUNIZ, Paulo Henrique. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. **Revista Varia Scientia**, v. 6, n. 12, set., 2006, p. 159-169.

OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 19, n. 55, São Paulo, jun., 2004, p. 180-186.

PEREIRA, M. M. D. **Património religioso da Índia - o Hinduísmo**. Universidade Évora, 2013. Disponível: [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/12815/1/PATRIM%
c3%93NIO%20RELIGIOSO%20DA%20%
c3%8dNDIA%20-%20O%20HINDU%
c3%8dSMO.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/12815/1/PATRIM%c3%93NIO%20RELIGIOSO%20DA%20%c3%8dNDIA%20-%20O%20HINDU%c3%8dSMO.pdf). Acesso: 23 out. 2020.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad.Saúde Pública**, v. 9, n. 3, Rio de Janeiro, set., 1993, p. 300-308, Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso: 28 ago. 2020.

PINTO, L. F. A representação da morte: desde o medo dos povos primitivos até a negação na atualidade. **Hum@nae**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível: <http://humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/article/view/74/66>. Acesso: 18 ago. 2020.

RAMOS, V. A. B. O processo de luto. **Psicologia.PT: o portal dos psicólogos**, 25 set. 2016. Disponível: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso: 20 set. 2020.

ROSS, E. K. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
SANTOS, M. C. C. L. Conceito médico-forense de morte. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade De São Paulo**, v. 92, 1997, p. 341-380. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67369>. Acesso: 24 out. 2020.

SANTOS, R.; YAMAMOTO, Y.; CUSTÓDIO, L. Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. **Psicologia.pt**, 07 jan. 2018. Disponível: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1161.pdf>. Acesso: 30 ago. 2020.

SILVA, C. P. B.; VAZ, T. B. C. **A morte segundo a visão de diferentes religiões**. Mini monografia apresentada à disciplina de Sociologia I relativa ao 1º período. Graduação em História na Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

SIQUEIRA, J. Z. F., GRIEBELER, S. Profissionais de saúde e o processo de morte em morrer dos pacientes: uma revisão integrativa. **Pers. Bioét.**, v. 22, n. 2, 2018, p. 288-302. Disponível: <http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v22n2/0123-3122-pebi-22-02-00288.pdf>. Acesso: 12 out. 2020.

SOUSA, A. E. C.; SILVA, K. A. M.; FONTENELE, S. H. M. Os astecas e sua relação com a morte. **Ameríndia – história, cultura e outros combates**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível: <http://www.periodicos.ufc.br/amerindia/article/view/1413>. Acesso: 15 out. 2020.

TADA, I. N. C.; KOVÁCS, M. J. Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, 27, n. 1, mar., 2007, p. 120-131. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso: 28 ago. 2020.

TAVARES, T. R. **Um ritual de passagem**: o processo histórico do “bem morrer”. 2011. Disponível: <https://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/%C2%B4%C2%B4Um-ritual-de-passage%C2%B4-%C2%B4-Thiago-Tavares.pdf>. Acesso: 20 out. 2020.

VALERA, L. Morte no Hinduísmo: transmigração e libertação. **Religare**, v. 9, n. 2, dez., 2012, p. 195-204,

VILLAS BOAS, L. P. S. Teoria das representações sociais e o conceito de

emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. **Psicol. educ.**, n. 19, São Paulo, dez. 2004 p. 143-166. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 18 nov. 2020.

VOMERO, M. F. **Morte**: Nós todos vamos morrer. E, acredite ou não, esse é um evento tão natural quanto nascer, crescer ou ter filhos. No entanto, a ideia da finitudenos enche de terror. Por quê? Será que precisa ser assim? Dá para sofrer menos? 31 jan. 2002. Disponível: <https://super.abril.com.br/comportamento/morte/>. Acesso: 15 jun. 2019.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**. 4. ed. Curitiba: Grupo Gen, 2013.

WORLD Health Organization (WHO). **WHO Coronavirus disease (COVID-19) dashboard**. Disponível: <https://covid19.who.int/>. Acesso: 10 set. 2020.